

PRIMEIRA CARTA DE LUIZ CARLOS PRESTES RECEBIDA POR SUA MÃE
LEOCADIA PRESTES APÓS A INTERNAÇÃO NA BOLÍVIA DA COLUNA
PRESTES (Em fev/1927)

Trata-se de carta de L.C. Prestes, cujo portador foi o jornalista Rafael Correia de Oliveira, que esteve na Bolívia, publicada em *O Jornal* (RJ) de 16 de março de 1927.

Guiba, 26/02/1927

Minha querida e adorada mamãe.

Que estas linhas, as primeiras que lhe escrevo depois que saímos do Brasil, vão encontrá-la, bem como as queridas irmãs, em perfeita saúde, são os meus mais ardentes e fervorosos votos. A senhora bem pode imaginar o que tem sido a minha vida durante estes dois longos e penosos anos de separação que, infelizmente, não sei quando terminará. Mas, de todos os sofrimentos, tanto físicos como morais, a saudade, aumentada pela horrível e completa falta de notícias das pessoas para mim mais queridas, constituíram o sofrimento máximo destes dois longos e intermináveis anos. Só mesmo, minha querida mamãe, a consciência do cumprimento de um dever, revigorada em janeiro do ano passado pela carta que a senhora e as boas irmãs enviaram-me pelo desditoso Waldemar (tão barbaramente assassinado em Pernambuco), poderia fazer com que resistisse eu ao desejo ardente que tive e tenho muitas vezes de tudo abandonar e ir até aí abraçá-la e beijá-la. A vida da senhora e das queridas irmãs, por mim o imagino o que não tem sido de sofrimentos. A situação terrível em que deve estar a vida aí no Rio deve ter exigido da senhora e dedicadas irmãs esforços enormes para que tenham podido garantir a própria subsistência. A maldade de governo passado, as injúrias, calúnias e infâmias que a meu respeito e de queridos companheiros propalava a imprensa sórdida e venal devem ter sido outros tantos sofrimentos morais para o seu coração de mãe. Felizmente, minha querida mamãe, o pior já é passado.

A situação atual não é ainda a que todos nós desejávamos, mas já é melhor que a anterior. Como a senhora deve saber pela leitura dos jornais, obedecendo às ordens dos nossos chefes, resolvemos suspender a luta que há dois anos e sete meses vínhamos sustentando, entrando a 4 de corrente em território boliviano. Na Bolívia temos sido carinhosamente tratados, não só pelas autoridades, como pelo povo e, muito

especialmente, pelos oficiais do Exército. Entrando em território boliviano, tão pobre como no início de nossa campanha, tivemos imediatamente de procurar trabalho para mim, como para todos que comigo emigraram, para que tivéssemos, pelo menos, garantida a subsistência. Felizmente a sorte nos ajudou e aqui, em Gaíba, num belíssimo e pitoresco lugar, viemos a encontrar uma empresa inglesa que aceitou o nosso trabalho. Assim, aqui já iniciamos a nossa atividade com mais de trezentos companheiros. Os restantes consegui colocar em diversos estabelecimentos no interior boliviano. A região da Bolívia que atravessamos, desde San Mathias até aqui, está ainda muito atrasada, os transportes são por demais mercosos e o correio e telégrafo não existem. Por isto, e devido às grandes e fatigantes viagens que fui obrigado a fazer nestes 22 dias que decorreram, do dia da nossa emigração até a presente data, em procura de trabalho para os meus dedicados soldados, impediram-me que há mais tempo lhe escrevesse. No entanto, logo que aqui estive pela primeira vez, telegrafei-lhe, enviando-lhe o meu endereço e pedi a um companheiro que aqui ficou que lhe escrevesse mandando-lhe o meu endereço.guardo, pois, com ansiedade, a resposta do telegrama ou alguma carta que possa fazer com que, em parte, pelo menos, sabendo da sua saúde e das queridas irmãs, possa diminuir o meu sofrer, permitindo-me que com mais calma e sossego possa aqui empregar as energias que me restam na obtenção dos recursos indispensáveis à diminuição das dificuldades materiais da vida por que devem vir a senhora e queridas irmãs passando.

Assumi aqui com a empresa a responsabilidade de diversas empreitadas. Estou no início dos serviços e em fatigante fase de organização. Desde que entrei na Bolívia, já andei umas 134 léguas (893 quilômetros) a cavalo e a pé, e nestes últimos dias tenho trabalhado quase dia e noite. Para escrever-lhe estas rápidas linhas estou empregando as últimas horas da noite e a luz de um péssimo lampião. Espero, porém, que dentro de uma semana, terei tudo organizado e que, portanto, com maior vagar, poderei melhor e mais longamente escrever-lhe.

Desde ontem que aqui se encontra o dr. Rafael Correia de Oliveira, que, na qualidade de representante de *O Jornal e Diário da Noite*, veio aqui fazer uma reportagem sobre a nossa situação. Esse moço, que me pareceu bastante distinto, ficou de procurá-la, a fim de pessoalmente, entregar-lhe esta carta e, portanto, lhe poderá dar mais detalhadas notícias a meu respeito, bem como alguns retratos que foram aqui tirados. Ache-me aqui com o Ari Salgado Freire. Os outros

companheiros tiveram de seguir para a Argentina, em procura do marechal Isidoro, a fim de obter alguns recursos para os nossos feridos e mutilados. Assim é que para lá seguiram Miguel Costa, João Alberto e Cordeiro de Farias. Quanto ao Siqueira Campos, ainda se acha no Brasil, mas brevemente deve vir para cá. O Dutra já havia seguido há mais tempo para a Argentina.....

[O trecho final da carta foi suprimido por tratar de assuntos familiares.]

Carta reproduzida em MOREL,
Edmar. *A marcha da liberdade: a
vida do repórter da Coluna Prestes.*
Petrópolis, Vozes, 1987, p. 101-103.

